

Diogo Seborro

RACIONALISMO VS EMPIRISMO

1. Origem do conhecimento

O conhecimento é uma correlação que se estabelece entre um sujeito e um objecto. Essa afirmação, aparentemente clara e objectiva, levanta no entanto algumas questões como:

- O que é o objecto: algo exterior ao sujeito, parcial ou a sua criação total?
- Quem é o sujeito: um ser meramente passivo sobre o qual o mundo externo actua, ou um ser eminentemente activo que produz ideias e é capaz de modelar, de uma maneira particular e intransferível, os dados que provêm do exterior?
- Em que consiste a verdade?
- Quais são as fontes do conhecimento e qual o grau de viabilidade das mesmas?

O conjunto de questões anteriormente referidas é o objecto de estudo da Gnosilogia, a disciplina filosófica que trata dos problemas relativos à fundamentação do conhecimento humano, a teoria do conhecimento crítica do conhecimento ou epistemologia. Segundo Abbagnano (1982-1969) todos esses nomes têm o mesmo significado, e tratam do mesmo problema a realidade das coisas.

O acto de conhecer pressupõe um sujeito cognoscente e um objecto de conhecimento, a correlação existente entre eles é o conhecimento, segundo o qual o sujeito apreende as qualidades recebidas do objecto. O conhecimento, pois, consiste na apropriação intelectual de um conjunto de dados empíricos ou ideais, com a finalidade de dominá-los e utilizá-los para o entendimento e elucidação da realidade.

A necessidade de compreensão do conhecimento humano não é recente, já os filósofos da antiga Grécia tinham como objecto das suas especulações o significado e as condições necessárias para a efectivação do acto de conhecer. No entanto, essas reflexões revestiam-se de um carácter puramente ontológico, eram as questões da natureza do ser que os preocupavam.

A teoria do conhecimento propriamente dita tem início na Idade Moderna, sobretudo depois do século XVII, pela revolução científica encabeçada por Galileu que com outros notáveis cientistas criaram um novo modelo de investigação do mundo fenomenal, redefiniram o papel das ciências particulares, despertaram nos filósofos uma preocupação com os fundamentos, as possibilidades, os limites e o alcance do conhecimento humano e uma certa descrença nos argumentos de autoridade que predominaram a Idade Média.

A evolução do método experimental com as conseqüentes descobertas científicas, novos dados como a electricidade e os átomos, impõe um espírito

de descoberta e inovação, um sentimento de ampliar as fronteiras do conhecimento. A dúvida quanto aos pressupostos clássicos faz do conhecimento a questão fulcral da filosofia. Os filósofos de então assumem assim uma perspectiva essencialmente gnosiológica.

Filósofos como Descartes, Hume, Espinoza, J. Locke, Bacon, Leibniz e Berkeley são os autores da revolução gnosiológica que teve origem na Idade Moderna, e os responsáveis pelo surgimento de duas correntes que traduzem o sentido dos novos tempos: o Racionalismo e o Empirismo.

2. Empirismo

Poucos, ou mesmo nenhuns livros tiveram tanto impacto na história da natureza do pensamento humano, na origem do conhecimento como o livro de J.Locke “ Essay Concerning Human Understanding” de 1690. O texto nele presente é uma análise profunda e compreensiva dos mecanismos do pensamento humano. Uma análise que Locke pensara que iria abrir novos horizontes no pensamento religioso e da sociedade. Dificilmente se encontra um livro com uma explicação tão clara e tão fundamentada daquilo que Locke pensara ser a origem do conhecimento humano e do próprio pensamento, sendo assim qualquer livro que retrate o mesmo assunto dificilmente irá superar ou mesmo chegar a qualidade e quantidade de informação sobre a teoria empírica como o livro de Locke.

A teoria:

O fundamento do modelo cognitivo de J.Locke reside na sua divisão do pensamento humano numa série de partes interligada, mas com processos distintos, cada uma com os seus parâmetros e funções. Segundo Locke todo o processo do conhecimento poderia ser conhecido mediante uma de duas categorias gerais, a Sensação e a Reflexão. A Sensação ou experiência externa descreve a maneira como os nossos sentidos recebem as impressões recolhidas dos objectos, e a Reflexão ou experiência interna é a percepção das operações dentro da nossa mente, que tentam resolver a informação que receberam através dos sentidos.

Tendo como base uma mente que é como “uma folha em branco” ou um “armário vazio”, Locke na sua teoria Empírica diz que só existem dois modos de preencher essa folha ou esse armário e são a Sensação e a Reflexão estes dois modos de pensar são princípio para a formulação do conhecimento. A Reflexão no entanto não pode acontecer sem que haja já presente algo para reflectir, pois assim a Sensação é o princípio do pensamento, a percepção é a primeira etapa de toda a nossa actividade intelectual, e aquilo que serve de base a todo o nosso conhecimento.

Locke descreve o processo sob o qual os sentidos são estimulados pelos objectos, como um processo de meditação. Caminhando entre os materialistas e cépticos, Locke afirma que as ideias primárias, as ideias materiais das qualidades dos objectos, existem de facto no objecto, mas as ideias secundárias formuladas dentro da nossa razão não se materializam no objecto. O mundo material existe, mas só através da reflexão sobre as qualidades secundárias dos objectos (como a refração ou o calor), conseguimos ter uma

ideia da sua materialidade mas não o conhecimento total do objecto. São estas as ideias que são consideradas os pilares do conhecimento humano segundo a teoria empirista.

Tendo dividido o processo do conhecimento em duas grandes partes, a Sensação e Reflexão e tendo explicado a maneira como a sensação estimula a mente através das qualidades primárias do objecto, Locke afirma que enquanto a Sensação é um processo passivo, a Reflexão pode ser tanto activa como passiva e pode mesmo intervir no processo da Sensação. Tendo salientado este aspecto o autor examinou e identificou várias subclasses de pensamento que existe dentro da Reflexão. Este estudo assume a forma primeiramente de tipos de ideias, os objectos de que a reflexão de ocupa, que estão presentes na mente. Segundo Locke todas as ideias ocupam dois espaços: ou são complexas ou são simples. As ideias simples sendo aquelas que não se podem distinguir em diferentes ideias como o calor, o frio, o branco etc..., e as complexas que são aquelas produzidas pelo conhecimento repetindo, comparando e ordenando as ideias simples. Ele mais tarde divide ainda as ideias complexas em três subcategorias: modelos, substancias, e relações, definindo os modelos como aquilo que consideramos como as qualidades, poder e identidade etc..., substancias são definidas por exemplo como a ideia de homem, e relações são designadas como as propriedades matemáticas como os triângulos e quadrados.

De uma maneira geral o ponto fulcral do empirismo é que nada está presente no pensamento que não tenha estado primeiro nos sentidos. O objecto sensível impressiona os órgãos dos sentidos e estes projectam assim uma ideia desse objecto na mente. O Sujeito está assim submetido ao objecto que é conhecido.

3. Racionalismo

Diferenciando do Empirismo o Racionalismo assenta num principio muito claro: as ideias fundamentais para o conhecimento humano são originárias da razão. Quer elas se encontrem na mente como algo já em estado acabado como defende Descartes, quer tenham o aspecto de embriões que se vão desenvolvendo como defende Leibniz.

A referência no Racionalismo é sem dúvida o filósofo moderno Descartes. Descartes defende a existência de três tipos de ideias: as factícias, as adventícias e as inatas.

As ideias adventícias são aquelas que provêm dos nossos sentidos, as factícias são aquelas que são fruto da nossa imaginação é uma combinação de ideias adventícias com ideias posteriormente retidas, que nos permitem imaginar algo que nunca vimos.

Mas nem todas as ideias se podem explicar destes dois modos, se não vejamos um exemplo de um triângulo será uma ideia adventícia? Então como podemos explicar a sua perfeição? Como explicar ainda que seres tão imperfeitos como o homem possa ter uma ideia de um Deus tão magnificamente perfeito?

È ai que entram as ideias inatas, o terceiro tipo de ideias apresentado por Descartes, estas ideias já nascem connosco, são uma marca do criador. Estas ideias claras e profundas não são resultado do entendimento com recurso à experiência, elas habitam já dentro de nós em algum lugar recôndito da mente. Representam as essências verdadeiras, imutáveis e eternas, razão pela qual servem de fundamento a todo o saber científico.

Para exemplo dessas ideias Descartes apresenta essencialmente duas: os conceitos matemáticos e a ideia de Deus.

Num texto dirigido à princesa Elisabeth, Descartes escreve (1645):

“A primeira e a principal [das ideias inatas] é que há um Deus de quem todas as coisas dependem, cujas perfeições são infinitas, cujo poder é imenso, cujos decretos são infalíveis...”

Este inatismo no racionalismo retracta a profunda confiança de Descartes na razão (fonte de todo o conhecimento seguro e verdadeiro), como aquilo que nos distingue dos restantes animais. Mas como funciona então esta razão, descartada a ideia empirista que levaria a um conhecimento dubitável, surgem a dedução e a indução operações que conduzem a veracidade da operação do conhecimento.

A intuição fundamento do seu individualismo-subjectivo, surge como um processo simples e claro da inteligência que apreende imediatamente e totalmente noções simples sem qualquer contestação de veracidade.

A construção do conhecimento só é possível com ideias unitárias devidamente esclarecidas e ordenadas. Assim surge a dedução como um encadeamento de intuições, ela organiza as intuições singulares de acordo com as relações estabelecidas entre si formando assim outras ideias logicamente retiradas da relação das intuições unitárias.

Assim esta construção de ideias surge como processo principal para atingir o conhecimento verdadeiro. Partindo de intuições, preposições verdadeiras, e passando essa verdade para a conclusão, é o processo para atingir o conhecimento daquilo que é desconhecido.

Assim temos como Racionalismo a teoria de Platão, Leibniz, Spinoza e essencialmente Descartes, que nos diz que as ideias essenciais do conhecimento (inatas) se encontram já dentro de nós, as únicas ideias que podemos considerar como absolutamente verdadeiras e creíveis. Estando assim as ideias do sujeito submetidas a um acordo com as ideias inatas.

4. Reflexão: Empirismo em oposição ao Racionalismo

Na oposição entre o Racionalismo e o Empirismo, na minha opinião a teoria de Locke e Hume apresenta uma visão da origem do conhecimento muito mais receptível de aceitação pela generalidade e mais perto da verdade. Quem nunca ouviu aquele dito popular que diz: “Ninguém nasce ensinado”, pois se não vejamos, um bebé quando nasce nada sabe, a sua mente é como uma folha em branco, ele irá aprendendo através dos sentidos, vendo, observando,

imitando e acumulando o conhecimento que lhe é dado através dos sentidos e explicado/incutido por aqueles que o rodeiam.

Mas não é menos verdade que esse bebê recém-nascido abre logo a boca para mamar, como se já soubesse o que fazer para obter alimento e de onde este provém, sendo assim acho que existe algo que nasce conosco não diria um conhecimento inato do qual são características os conceitos matemáticos e a ideia de um Deus como refere Descartes na sua teoria Racionalista, mas antes um instinto básico, como um “kit de sobrevivência”, algo que subsiste ainda através da nossa evolução, o nosso lado animal, que nos desperta para o perigo ou a necessidade de comer para assegurar por todos os meios a sobrevivência, é então assim um conhecimento para a sobrevivência.

Ninguém à nascença possui ideias pelas quais as outras se deverão submeter, as ideias são apreendidas mediante os sentidos, e serão revistas por meio de reflexão e porventura substituídas por outras que achemos mais razoáveis.

Além disso a teoria Racionalista possui inerentemente algo de profundo religioso, acho que para sustentar a crença num Deus governante e guia, um Criador de todos os homens a teoria Racionalista cai em falso, é sem dúvida uma teoria que revela profunda influência religiosa em vez de reflexão humana.

Por todos estes factos parece-me evidente que a teoria Empirista está mais de acordo com a nossa realidade, com a realidade dos homens.

A influência do mundo que nos rodeia, do ambiente, da sociedade, da religião e sobretudo influências familiares, reflectem-se sempre no ser humano nas ideias por ele apreendidas através dos sentidos, é claro que ele pode romper com elas, mas só se através de reflexão apreender outra realidade algo que o faça reformular as suas ideias apreendidas até então.

Parece-me pois claro que a nossa aprendizagem, a origem do nosso conhecimento provem dos sentidos, daquilo por eles apreendidos e através de reflexão são aprofundadas essas ideias, esse conhecimento.

Acho ainda importante, para fazer valer o meu ponto de vista claramente empirista, a análise de um texto, neste caso do maior Racionalista, Descartes. Tento assim identificar os erros por ele cometidos e fazer valer a minha visão empirista.

Os sentidos enganadores

Numerosas experiências destruíram sucessivamente toda a fé que eu depositara nos sentidos. Com efeito, algumas vezes, mostravam-se de perto como quadradas torres que de longe me pareciam redondas, e enormes estátuas que se elevam nos seus terraços não me pareciam grandes vistas do rés-do-chão. E em inúmeras outras coisas do género descobriam que sou enganado pelos juízos fundados nos sentidos externos. E não só os externos como também os internos: porque o que pode ser mais íntimo que a dor? Ora, ouvi outrora, de homens a quem foram cortados uma perna ou um braço, que ainda algumas vezes lhes parecia sentirem dores na parte do corpo que faltava; e assim, também não me parecia absolutamente certo que me doía um

certo membro, embora sentisse nele uma dor; causas de duvidar a quem juntei, ainda há pouco, duas maximamente gerais: a primeira era que tudo o que acreditei sentir enquanto estou acordado. A segunda era que, como ignorasse até agora o autor do meu ser, ou, pelo menos, fingisse ignorá-lo, não via nada que obstasse a que eu fosse de tal modo constituído pela natureza que me enganasse mesmo naquelas coisas que me pareciam verdadeiras. E quanto às razões que anteriormente me persuadiram da verdade das coisas sensíveis, não é difícil refutá-las: visto que me pareceu que fui impelido pela natureza a acreditar em muitas coisas de que a razão me dissuadia.

(Descartes, *Meditações Metafísicas*, "6ª Meditação")

Comentário:

Descartes, neste excerto, inúmera várias razões para desacreditar nos sentidos e assim rejeitar a teoria empirista, mas logo nos primeiros exemplos ele dota os sentidos como a principal origem do conhecimento. Vejamos o exemplo das torres "... mostravam-se de perto como quadradas torres que de longe me pareciam redondas..." ora devido a limitações biológicas que não podem ser descartadas ao uso dos sentidos, de facto Descartes observa ao longe torres redondas, mas de perto logo os sentidos lhe mostraram em verdade que as torres eram quadradas, logo os sentidos lhe transmitiram o conhecimento verdadeiro, e ainda lhe transmitiram o conhecimento das limitações biológicas da visão.

Observemos agora o exemplo da dor, Descartes com tanta influência religiosa, deve ter começado a supor que o Homem criado, "à imagem do Deus por ele considerado criador do homem e das ideias inatas", como um ser perfeito descurando assim as suas limitações no que diz respeito à biologia, o exemplo das dores nos membros amputados a certos homens é mais um exemplo da dependência do homem quanto ao seu corpo e a sua funcionalidade biológica. De facto os sentidos (internos) transmitem uma sensação de dor no membro amputado e essa dor é de facto real, ela existe, é a marca deixada no sistema nervoso, não pode ser ignorada como algo de falso.

Refutando estes exemplos da descrença nos sentidos, parece-me claro que estes mesmos são a origem do conhecimento, eles com as suas limitações biológicas transmitem-nos sempre a verdade se conseguirmos ultrapassar essas mesmas limitações, se conseguirmos perceber como funcionam.

(Diogo Seborro - 11º C - 2007)